

# Cinco mil pacientes na fila de cirurgia

FERNANDO RODRIGUES

Algumas pessoas esperam há anos.  
Número de operações diminuiu no DF

ANNA HALLEY

Cerca de cinco mil moradores do Distrito Federal já não podem mais contar com tratamentos ou remédios para pôr fim a seus problemas de saúde. Têm no processo cirúrgico a única alternativa de cura. Só na fila para cirurgias ortopédicas há cerca de 2,2 mil pacientes. Não bastasse a angústia em saber que precisam enfrentar o bisturi, ainda sofrem por não ter nem idéia de quando isso acontecerá — pois dependem da rede pública de Saúde.

Algumas dessas pessoas já estão na espera há anos. Mesmo assim, o número de cirurgias caiu em 2005, de acordo com estatísticas da Secretaria de Saúde. Ao todo, foram 33.108 procedimentos desse tipo, enquanto no ano anterior foram 2.948 a mais. No caso das cirurgias eletivas (que não são de emergência), foram 17 mil no ano passado, contra 18.870 em 2004.

Em comparação com o ano 2000, foram feitas 700 cirurgias a menos em 2005. No mesmo período, a população do DF cresceu 11,7% e a quantidade de atendimentos aumentou 30,4%. A Secretaria de Saúde considera que a alta demanda de pacientes de municípios do Entorno explica a diferença. Isso porque,

apesar de se consultarem nos hospitais do DF, eles acabam passando pela cirurgia nos hospitais perto de casa.

O secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, reconhece a redução do número de procedimentos cirúrgicos em 2005, mas ressalta que o problema é herança da gestão anterior. "Quando assumi o cargo, em março do ano passado, as cirurgias cardíacas e as neurocirurgias estavam suspensas, assim como os transplantes renais", explica. Segundo ele, isso aconteceu por falta de salas cirúrgicas, de equipamentos, medicamentos específicos e de insumos.

## PROVIDÊNCIAS

Maciel afirma que já tomou providências para reverter a situação, diminuindo a demanda reprimida. "Adquirimos os equipamentos que estavam em falta e demos início às obras necessárias. Mas tudo isso demorou, tanto que só foi possível re-

*"Adquirimos os equipamentos e demos início às obras. Mas só retomamos os transplantes em setembro"*

José Geraldo Maciel  
secretário de Saúde do Distrito Federal

tomar os transplantes em setembro", aponta.

Como ação para diminuir a espera dos pacientes, o secretário destaca a recuperação da sala cirúrgica do Hospital de Base, onde são executadas pelo menos 30% dos procedimentos.

Para que os transplantes renais voltassem a ser realizados, o governo comprou dois equipamentos (doppler transcraniano e eletroencefalogra-



Operação para retirada do útero de Maria Aparecida (nome fictício) foi cancelada em cima da hora

ma portátil) para detectar a morte cerebral do possível doador. "Eles identificam a morte cerebral com precisão", esclarece o secretário. Segundo Maciel, foram 29 transplantes desse tipo até abril deste ano. "Isso significa um por semana, a média histórica. Mas queremos aumentar ainda mais esse número", diz.

As cirurgias cardíacas e as neurocirurgias também voltaram a ser realizadas. "No caso das cardíacas, estamos com uma média de 26 eletivas e 28 emergenciais por mês", aponta o secretário.

**ORTOPEDIA** — Maciel acredita que será possível diminuir a espera pelas cirurgias ortopédicas com o centro de referência inaugurado este ano no Hospital Regional do Paranoá. Antes disso, a ocorrência desse tipo de procedimento era mínima. "Temos duas sa-



Editoria de Arte

las de cirurgia, com 50 leitos. Mas ainda queremos chegar a cem", planeja. Depois que o centro começou a funcionar, uma média de quatro cirurgias são feitas por dia.

As obras do centro cirúrgico do Hospital Regional de Taguatinga (HRT) estão entre as

prioridades. "Temos de acelerar esse trabalho, que já se arrasta há tempos. Nossa expectativa é de concluir as obras em três meses", diz. Em 2000, mais de quatro mil cirurgias foram realizadas naquele hospital. No ano passado, foram pouco mais de duas mil.